

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Assigatura

ANNO. 24 francos

SUBSCRIB. 12 " "

AVULSO. 1 " "

Se reme da Europa 24 francos por semestre e 28 francos por anno.

2.º Anno. — Volume II. — Numero 21.

PARIS 20 DE JANEIRO DE 1885

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GALLIA DE SOUZA, 70, R. do Ouvidor.
Assigatura

ANNO. 1.º ANNO. 12,000

SUBSCRIB. 6,000

ANNO. PROVINCIAS. 14,000

AVULSO. 300



VICTORIEN SARDOU

Autor da nova tragedia *Thaïs*

A ILUSTRAÇÃO publicará no próximo numero um conto original do seu brilhante collaborador CONDE DE FICALHO, intitulado A MALUCA D'A DOS CORVOS, illustrado por ANTONIO RAMALHO.



ESTA ultima quinzena não trouxe para cima da minha mesa senão livros de versos. E pois, de versos, meu caro leitor, que vou fallar-te. Tem paciencia. Eu sei que o assumpto não te agrada. Sei também que tu e eu temos ideias tão oppostas sobre este assumpto que não vejo senão o adverbio *diametralmente* para exprimir d'um modo correcto a situação em que ellas se acham umas em relação ás outras. Tu tens pelos poetas um consideravel desdém; eu, um enthusiasmo muito mais consideravel. Um poeta é ainda para ti um ente fundamentalmente inutil, ocioso, incapaz, com melena longa e caspa.

Eu considero os poetas como muitomais prestadios, uteis e indispensaveis á sociedade do que os medicos, os advogados e até do que os consules de todas as classes (que os meus collegas me perdoem, attendendo a que se os assassino, também me suicido). Tu não fallas de versos senão com o tom ligeiro, enfastiado e levemente sarcástico com que se falla das coisas frivolas, sem applicação pratica e sem resultado positivo; eu, entendendo que os versos são muito mais necessários ao conforto humano do que os cobertores de papa, os caloríferos, os grogs quentes no inverno, os leques e os gelados de verão. Em summa, para ti, o verso não é uma linguagem; e para mim, a prosa é que não é uma linguagem. Esta proposição perdeu de resto toda a sua apparencia paradoxal, desde que Theodoro de Banville, o divino artista, a demonstrou irrefutavelmente n'uma chronica intitulada, se bem me recordo, *Pontos sobre alguns i i*. Alludindo á celebre definição do professor de M. Jourdain, no *Bourgeois-Gentilhomme*, Tudo o que não é prosa é verso e tudo, o que não é verso é prosa, o Mestre escreve: «Ella não me contenta; eu vejo bem o que é verso, agora o que eu não vejo tão facilmente é o que não é verso. Não ha pagina de grande escriptor onde sob o artificio da prosa apparente o verso não esteja escondido aos olhos profanos, como uma aspide mysteriosa, prompto porém a lançar-se, silvando, agitando, o cascavel da rima e desenrolando os anneis dos seus dactylos ou dos seus jambos, quando um leitor iniciado, o desenhina bruscamente, apoiando com a inflexão da voz e o compasso da recitação na medulla flexivel da sua cesura.

E mesmo a sciencia maravilhosa e indefinivel do Numero e do Rythmo o que dá á linguagem de certos prosadores celebres esse encanto irresistivel, essa harmonia divina, esse balanço voluptuoso que nos acalenta, nos emballa e nos transporta ao luminoso extase. Não ha prosa sem verso, entendamo-nos, não é a prosa do sr. X... ou do sr. Z... que eu me refiro; não ha prosa grande, elevada, sublime sem que o seu machucado inextinguivel trabalho como o dos chronometros do precioso sobre um grande numero d'esses bellos e resplandecentes rubins que se chamam os versos. São elles, os inalteraveis e invariaveis cixos em que toda a ideia se appoia, em que se encaixa todo o esforço mental. Querem um exemplo, ao acaso? Quando no seu livro a

Hollanda, o sr. Ramalho Ortigão escreve, fallando da barca nacional, hollandeza: « De momento a momento vista assim, a través da corcilla verdejante, a vela palpitando contra o mastro parece o aceno de uma velha mão, abençoando amiga as ceasas... d'ouro. » Se elle julga ter escripto prosa, ficará surprehendido de saber que fez cinco deliciosos versos heroicos, graças á transposição de duas palavras e á junção d'uma outra apenas. *Quidquid tentabam dicere versus erat*. Isto já era verdade no tempo de Ovidio, e continua a sê-lo.

Fallemos dos livros de versos. A *tout seigneur tout honneur*. Eis o segundo volume das *Poesias de Catulle Mendès*. O primeiro volume, publicado ha mezes, intitula-se *Hesperus*. É um poema swedenborgiano — vago, nebuloso como uma visão de nevoeiro. O volume actual, collecção de poemas dispersos nas columnas do *Parvaso contemporaneo* e da *Republica das letras*, denomina-se *Contos epicos*, titulo que muitas vezes produz uma acre dissonancia com a nota commovida, melancolica, ou simplesmente graciosa, de certas composições, tues como *A ultima abella*, *Um milagre de Nossa Senhora*, etc. Esta ultima, um verdadeiro prodigio de esculptura e de ornamentação, é uma das mais bellas produções do livro. Mas logo a par, vem o *Consentimento*, as *Imprecações d'Agar*, o *Leão*, tantas vezes traduzido em portuguez, uma d'ellas, com rara felicidade pelo meu amigo, visconde de Monsaraz, o *Predestinado*, *A filha do Doum*, que o conde de Sabugosa traduziu deliciosamente também, e finalmente *Os dois Bispos*, composição irreprehensivel, que attinge o ideal da perfeição do plano e da forma, porque não se imagina que possa haver uma palavra a tirar, a ajustar, a substituir na sua prodigiosa execução.

Sem o vasto folego, a convergadura de aza, a imaginação vulcanica de Hugo, Catulle Mendès tem todavia muitos pontos de contacto com o Mestre. A cada passo, ao voltar de uma cesura, ao ruido de duas rimas que se chocam, se sente a parecença que não é o imitação mas que é o ar de familia. Catulle Mendès é de resto como sabem um dos pures da Joven França e um dos commensaes da Tavola Redonda a que preside ainda hoje no seu throne de ouro, aquelle novo e mais glorioso Carlos Magno.

Querida Lisboa, queres ouvir o soneto que tu inspiraste a um poeta em 1859?

Escuta:

LISBONNE

La Mer! L'immensité des flots bleus, puis le Tage
Le sol Juliano (!) fatal aux prisonniers,
Et Belém d'où Vasco-de-Gama quitta la plage
Pour frayer des chemins nouveaux aux navigateurs.

L'Ajuda, qui des ans subit déjà l'outrage
Des moulins tout pareils à de vieux pigeonniers
Des palais, des maisons qui, d'ége en ége,
Se hissent dans les airs par des grands escaliers.

Des ruines et des Beurs, des tombes et des roses
Et des vaissaux ancrés au pied des arénaires,
Frissonnants, inquiets, porcelains à des oiseaux,
Un peuple qui jadis aimait les grandes choses
Et qui s'est conservé de sa prospérité
Que des bellons de pourpre et que sa vanité.

Que tal. Hei! Appresso-me a levar ao conhecimento das pessoas que a este instante estejam já a fazer as malas para vir a França estrangular este vate insolente, que elle já não é d'este mundo e que o soneto supra faz parte d'um volume de versos posthumos que a livreria Hachette agora acaba de editar piedosamente. O poeta chamava-se Alfred Bussquet, esteve em Hespanha e em Portugal ha pouco mais do vinte annos, e escreveu as suas impressões de viagem em verso.

As suas poesias sobre a Hespanha, copias servis de Musset, estão cheias das extraordinarias rimas do *manola com navaia*, pronuncia-das, *minola e navaia*, *gallegas com caballerias*,

etc., etc. Toda uma Hespanha de zarzuela, falsa, absurda, esalfada de tocar os mecos boleros nas mesmas costureiras, ha mais de cem annos, apparece traduzida por ostrophos em que a cor local é obtida pelos processos baratos das lithographies d'Epinal.

O nosso paiz não lhe levanta muito o estro acima da chateza ordinaria. A torre de Belem inspira-lhe um soneto extranho em que se vê Dom Manuel acompanhando Vasco da Gama, na occasião da partida para a descoberta do caminho da India,

piédus nus, couronne en tête,

o que já é muito curioso; mas o melhor é que D. Manuel, para o ver partir, sóbe até o alto da torre de Belem (!) donde pouco depois desce para se ir sentar á margem do Tejo, que fica de boca aberta de se ouvir chamar *fleuve jaune*, coisa que ainda ninguém antes do poeta Bussquet se lembrara de lhe chamar.

O resto do volume contém varias traducções de diversas linguas, algumas poesias amaveis, uma ou outra imagem feliz. Mas o tom geral é opaco e leitoso. N'esta epocha de brilho, de exuberancia e de violencia, este livro nada diz e nada significa. O amigo que enfeixou n'um volume estas pobres flores de além da campã, mais proprias a vicejar no silencio e na sombra, do que ao ar mordente e vivo da publicidade litteraria, não foi bem inspirado pelo seu piedoso sentimento...

As *Canções de Abril* (um titulo que G. Junqueiro não ha de ver com muito bom humor em livro alheio) por Eugenio de Castro, nome que procuro em vão ligar a qualquer outra recordação litteraria, são uma das mais frescas e viçosas promessas que tenho visto desabrochar no nosso solo fecundo de poetas. Sem preoccupações de systemas philosophicos nem de escolhas litterarias, o estro do joven escriptor brota espontaneo, facil, calmo como um veio d'agua cempestre que se contigta facilmente de não ser um caudal impetuoso, por isso que assim melhor reflecte as estrellas d'ouro, a atmosphera pura, o vôo das pombas, e o pudor das alvuradas.

É nas pequenas composições de 2 ou 3 estrophas que prima o moço poeta. O *Retrato*, a *Trança*, as *Chimeras* são verdadeiros poematinhos de sentimento e de melancolia. O que me surprehende n'este formoso bouquet de flores primaveris, é que é quasi todo composto de saudades ou de goivos pendentes. Falta-me n'este livro a nota alegre, triumphante, entusiastica, a vermelha fanfarra dos 15 annos, entoadã a plenos pulmões e pondo em fuga os desaleiros, os desenganos, e as tristezas noctivagas. É por isso que eu acho o titulo mal escolhido. Não são canções, são elegias, não é abril que canta; é um novembro precoce e tristemente choroso. É possível que aos 15 annos se seja assim curvado e grave? Os orphãos, mesmo os engeitados, os desherdados da sorte toem n'este quadrã da vida o olhar brilhante, as faces roseas e nos labios a flor purpura do riso. Que o joven poeta reaja contra essa bruma cinzenta que lhe cunha o espirito; a sua harpa tem uma corda de ouro feita para cantar vibrante e forte.

Aos quinze annos, vive-se n'um oriente em brasa, a alegría respira-se com o ar, bebe-se com a agua, absorve-se com a luz. Todo um mundo de voluptuosidades impacientes espia ansioso em torno a nós o despertar encantador dos sentidos que dormem. É uma genese divina, o mundo nasce de novo em cada homem, o sol despenda, o céu fulgura, cada alma é uma Era extasiada! Não estrague este momento unico, sublime, que não mais voltará na sua existencia por mais longa que seja, affaste os olhos dos atitudes e dos círios chorando lagrimas do céto funebre, ponha-os nos ninhos e nos berços pilantes, nas fronte moreanas, nos labios rubros, nos seios de neve candente. Ame, deseje e sofra o martyrio devorador da puberdade insaci-

vel, é esse o dór da sua idade, é esse o unico tormento que lhe é permitido soffrer e canhar. Não antecipe as tristezas da velhice, não corra ao encontro das magoas, ellas o apanharão sempre cedo de mais. Cante o amor, não o amor lambecha e choroso que faz sorrir as mulheres, mas o amor triumphante, victorioso, domador de tigres e das bellas insensíveis!

Que o seu proximo livro se chame, se tem gosto pelas antonomasias, As «*Nonias de Janeiro*» mas que um Abril triumphante e authentic esfolhe dentro d'elle grinaldas de canções musgosa!

O jovem poeta deve desconfiar um pouco do seu ouvido que de vez em quando o traíção. Logo na 1.ª poesia, o *Cypreste*, encontro este alexandrino errado, entre muitos frouxos:

Eterno companheiro, vigia colossal.

Na poesia a *Musa*, uma das mais fracas do livro, não este sentisyllabo detestavel:

E o sol co' as palletas, etc.

verso tysico de ideia e paralytica na forma.

Para não deixar o leitor sob a impressão d'esta critica de detalhe, ali vão duas deliciosas estrophes colhidas ao acaso:

LAGRIMAS

N'uma manhã, de um lyrio transparente
Entre as eburneas petalas mimosas
O orvalho chorou suavemente
Duas pequenas lagrimas saudosas.

E assim como cascas lagrimas de orvalho
No lyrio achavam preciosos angustas
Em meu peito encontraram ngualho
As lagrimas gentis que tu choraste.

JAYNE DE SEGUIER.



VICTORIEN SARDOU

SARDOU é de novo o grande personagem da actualidade. Acaba de pôr em scena mais uma peça; Paris applaude-a loudamente; d'aqui a pouco tempo os mesmos estridentos applausos hão de acolher-a em toda a França e em toda a Europa e em toda a America.

Chama-se *Theodora* a nova peça de Sardou. O successo que ella está tendo em Paris é tambem devido a que é um novo genero dramatico que Sardou acaba de abordar — a tragedia, e d'esta vez tragedia em prosa — e de que elle saiu vencedor. Tragedias em verso não faltam, mas pegar da prosa e tirar-lhe os mesmos arranjos e os mesmos effeitos que Victor Hugo pode tirar dos seus alexandrinos, é que é o difficil. Mas como talento e habilidade não faltam áquelle que escreveu *Paties de Mouche* (Por causa d'uma carta, onde Santos foi eminente), e *Ribragas*, e *Nos intimes*, e *Daniel Rochat*, e *Odette*, e *Divorçons!* e *Fedora*, e tantas outras peças de primeira ordem — a victoria era facil de prever.

Sardou é actualmente um dos actores francezes mais applaudidos e mais representados pelo mundo inteiro. Se o começo da sua carreira foi difficil, hoje a sua fortuna é invejavel e mais invejavel ainda o seu renome. Mas tudo o que é de deo-a si, exclusivamente a si, tendo aberto caminho apenas com os seus hombros, e sem auxilio de padrinhos, através da multidão.

O retrato do celebre dramaturgo que a *Illustração* hoje publica é o mais moderno que existe de Sardou, e é devido ao buril do nosso eminente collaborador Ch. Baudé. E o Sardou de ha dois dias, tal qual o podem ver os que habitam Paris, e que n'um instante de vento ideem um passapo para os laios de Bougival, até Marly, onde possui o seu soberbo palacete, e donde olha a immonsa capital estendida

sobre a linha da horizonzo, este Paris que depois de tanto anno de lucta elle porfim domou, conquistou, divertindo-o com as suas brilhantes invenções, com o riso claro e incomparavel das suas comedias, na fazendo-o estremecer com os gritos magistrais dos seus dramas. E ahí, em Marly, sobre as margens tranquillias e frescas do Sena, que elle trabalhava constantemente, lendo, classificando as suas gravuras de que possui uma preciosa collecção, compulsando velhos pergaminhos, sonhando bonitas constracções em Nice onde é um rico proprietario, nosa jardins em Marly, sempre artista e curioso, passando d'uma gravura de Delacroix a um romance de Walter Scott, indo de Felicien a Molliere e de Beaumarchais a Shakespeare; — e, ainda da, invariavelmente, até as trez horas, escrevendo no seu gabinete de trabalho do rez-do-chão, alegre, cheio de sol, as paredes cobertas d'objectos d'arte, a larga porta aberta sobre a verdura do parque, e na brancura das estatuas sorrindo, lá no longe, por entre os tufos das arvores...

ROSA PAE

A arte dramatica acaba de perder um dos seus mais brilhantes e mais extraordinarios cultores.

Rosa pae, da quem a *Illustração* publica hoje o retrato, era um d'estes artistas que marcam uma epocha na arte d'um país, que deixam um nome que nunca mais se pode apagar da historia d'um Theatre nacional, como o deixou Samson e como o ha de deixar Coquelin e Delannoy no theatre francez, como o ha de deixar Rossi e Salvini no theatre italiano.

Foram nossos paes e mesmo nossos avós que nos deixaram a gloriosa tradição das suas eminentes creações na *Fidalgo pobre*, no *Livro negro*, no *Maestro Pavilla*, no *Alfama* e no *Fr. Luiz de Souza*. Mas os da nossa geração ainda puderam admirar o soberbo artista no *Morgado de Fafe* e no *Marquis de la Seglière* onde tinha por companheiros de scena Lucinda Simões e seu filho João Rosa, sendo a peça representada d'um modo verdadeiramente notavel, podendo competir com qualquer dos desempenhos magistrais que tem tido na *Comédie Française*.

Ha annos que Rosa pae abandonara de todo o theatre. A idade era já avançada e a sua carreira tinha sido das mais trabalhosas. Quando se quer produzir alguma coisa bem, é necessario estudar muito, e não são numerosos os artistas que, como este, põem de parte o repouso e esquecem mesmo a suade, para se entregarem cegamente ao mais aturado e consciencioso trabalho. E apesar de todos quantos conhecem a vida lisbonense terem visto n'estes ultimos annos o eminente artista apenas flando pelas ruas da cidade, ora cavacejando pelas livrarias da *baixa*, ora passeando pelos asphalotos do Chiado, nem por isso elle deixava de se occupar menos seriamente de theatre. Se a idade e o muito trabalho o tinham já enquiçado para a lucta quotidiana, restava-lhe a palavra para aconselhar e dirigir, e os que conhecem os bastidores de Lisboa sabem quanto lho deve o theatre de *D. Maria*, onde os seus dois filhos João e Augusto Rosa teem conquistado pelo talento, ao lado de Brazão, as primeiras posições.

A critica de Rosa pae está feita por todos os grandes escriptores do seu tempo. A nós, os novos, que não podemos apreciar-o no seu periodo de gloria, só nos compete olhar o artista que acaba de fallecer como um grande vulto da arte dramatica portugueza, e deschoirmo-nos respectuosamente diante d'este nome illustre, como os parisienses se descobrem diante dos seus idolos do theatre, sob os tecos da *Comédie Française* e do *Odéon*.

O retrato de Rosa pae que a *Illustração* hoje publica, é um trabalho original devido ao lapis do nosso collaborador Antonio Ramalho, o distincto pintor portuguez que se acha estudando em Paris. Esta pagina do nosso artista revela tantos progressos e tantas bellezas de desenho que facil é prever-lhe o successo, mesmo entre os mais difficilissimos e os mais difficilissimos criticos. A reproducção foi feita n'udom primelros *ateliers* zincographicos de Paris.

O DIA DE REIS EM ROMA

PROF. DR. S. J. J. J.

ROMA, o berço da civilização humana, berço dos antigos e dos modernos pagãos de que a catholica se apropriou adaptando-as ás festas religiosas da nova religião. A *streng* de nossos avós transformamos entre nós em *maneira* (longa e curta), e a festa dedicada á infancia, confundindo-se com a festa religiosa em memoria da viagem e da adoração dos Magos, diante do Menino Jesus.

A sociedade moderna reconstruiu inteiramente esta festa, e os Romanos d'hoje esperam o dia da Epiphania para se darem presentes que marcam os diferentes graus d'infancia reciproca. As crianças, sobretudo, esperam o 6 de janeiro com o mesmo entusiasmo como que os ingleses e os francezes esperam o Natal e o Anno bom, e as crianças em Portugal as amendoins.

Sob o ponto de vista religioso, um dos episodios mais interessantes, é a declamação por *crepanga*, especialmente por marinhos, de *sermões* que aprendam de e. m. Isto passa-se na antiga igreja de *Sancti Petri*, proximo do Capitolio. A *crepanga* que vai ser sobre para uma tribuna construida em frente do presépio, e a multidão acclama com alegria estas ingenuas phrases d'uma *fambora*, celebrando a chegada ao mundo do homem que devia pregar o Evangelho. E este assumpto que admiravelmente tratado no bello desenho de Pio Joris, que o vosso jornal vai hoje publicar.

A igreja de *Sancti Petri* é celebre pelos seus *presépio*. Ficou-se extasiado diante da perspectiva da puzigam, diante d'estas pastores e d'estas rabanços de madeira e de cartão, tão soberbamente trabalhados que quasi chegam a illudir a propria natureza. — S.

SARAH BERNHARDT

ENTE as mulheres artistas do nosso seculo, é seguramente Sarah-Bernhardt a que mais tem dado que fallar, enchendo não só Paris, mas o mundo inteiro, com a fuma ruidosa do seu talento e com a ainda mais ruidosa historia das suas façanhas e das suas aventuras.

Quando publicamos o retrato de François Coppée, nas linhas que acompanhavam o perfil tão sympathico do illustre poeta, já tivemos occasião de indicar que foi na sua deliciosa comedia *Le Passant*, representado no *Odéon* de Paris, que Sarah-Bernhardt se revelou.

Depois do *Passant*, a eminente actriz caminhou de triumpho em triumpho, entrando para a *Comédie française*, onde fez duas creações que ficaram celebres no theatre contemporaneo — *Dona Sol* do drama *Hernani*, de Victor Hugo e a *Extrangeira*, de Alexandre Dumas filho. Questões d'interesse e de amor proprio escandalisado fizeram com que ella abandonasse bruscamente a *Comédie française* onde ainda não podesse ser substituida, e que emprehesse as suas grandes excursões pelo estrangeiro, sendo a mais notavel a sua viagem á America do Norte e as suas viagens a Inglaterra. Foi n'estas excursões artisticas que ella criou o papel de Margarida Gautier, da *Dama das Camélias*, a *Sphinge*, e *Frou-frou*, peças que representou em Lisboa em companhia de seu marido, o grego Damala, de quem actualmente se acha separada, e com quem se casara em Londres.

Terminados os seus contractos para viagens pelo estrangeiro, veio definitivamente estabelecer-se em Paris, representando no *Vaudeville* o magnifico drama de Sardou, *Fedora*, que foi magistralmente interpretado em Lisboa pela distincta actriz Virginia. Depois abandonou o *Vaudeville* para tomar conta da *Porte Saint-Martin*, onde tem ultimamente representado a *Dama das Camélias*, *Frou-frou*, *Nana*, *Sahib*, a tragedia em verso de Richépin, *Milbeth*, traducção em prosa de Richépin, e onde acaba de interpretar o papel mais extraordinario de toda a sua vida, aquelle que mais se dá com o seu temperamento — esta *Theodora*, a nova e extraordinaria tragedia devida á pena do eminente e habilissimo dramaturgo que se chama Victorien Sardou. E n'esta peça que Sarah-Bernhardt se mostra verdadeiramente genial. E n'esta peça que



O ACTOR ROSA PAE. — Desenho original do nosso collaborador A. Ramalho.



ITALIA. — O DIA DE REIS EM ROMA. — Um acervo de orações na igreja de São-Carlo.

Sarah-Bernhardt mostra todas as nuances do seu extraordinário talento. É n'esta peça que a emilhante atriz se acha verdadeiramente a sua vontade, n'um papel que ella sente, que ella advinha, que ella comprehende. É *Theodora* que dá toda a medida do seu excepcional talento.

Além d'actriz, Sarah-Bernhardt tem sido pintora, escultora, architecta, escriptora, aeronauta. Tem feito quadros, esculturas, casas, livros e ascensões acima das nuvens. Tem feito reputações d'actrizes, d'actores, de poetas, de prosadores, de pintores, de escultores e de musicos. A sua vida tem sido agitada constantemente pelas mais extraordinarias aventuras, que andam publicadas em todos os jornais de todos os paises; e é com justa razão que a têm classificado como a perfeita expressão da *nevrose*, sobretudo da *nevrose parietale*; uma vida toda febril, cortada de loucure e de hallucinações e de hysterismos, uma vida onde o genio predomina na maior intensidade, mas donde anda abstrahido o senso pratico da existencia, o equilibrio do dia a dia, a reflexão enfim.

Quanto ao retrato que hoje publica a *Illustration* temos que chamar especialmente para elle a attenção dos nossos leitores. É a reprodução d'uma obra-prima de Bastien-Lepage, do illustre e mollogrado pintor de quem publicamos o retrato no ultimo numero. A gravura do Ch. Bauds conservou religiosamente a delicadeza e o sentimento que possue o original. Representa Sarah-Bernhardt contemplando uma escultura que acaba de concluir. Poucas vezes perfil de mulher foi mais delicadamente interpretado, poucas vezes o placar d'um artista ainda no comego da sua carreira passou sobre uma tela com tanta intelligencia e sciencia de desenho. Este retrato pintado por Bastien-Lepage é uma das obras d'arte mais notaveis do ultimo quarto do nosso seculo, é uma das obras que mais concorrem para o grande renome do illustre artista.

É com verdadeiro orgulho que a *Illustration* apresenta hoje aos seus leitores uma pagina tão notavel, que reúne em si duas qualidades de primeira ordem:

Fazer conhecer do publico portuguez e brasileiro uma das obras-primas d'um pintor illustre como Bastien-Lepage que este mesmo publico só conhecia de nome;

E fazer conhecer a *physiognomia* da mais extraordinaria actriz do nosso tempo, como é sem contapção Sarah-Bernhardt.

UM ANNO QUE SE FOI...

Estremamente que este gorário bêbe, que no desenho do nosso distincto collaborador F. Villagá substitui a velha e lendaria figura da *Parca implacavel*, cortou enfim o fio que nos trazia presos ao anno de 84, e o maldito partito, e vai d'agora pouco sumir-se todo por entre as densas trevas do passado.

Dizemos maldito, e parece-nos que não fomos exagerados para com 84 que nos deixou as mais terriveis recordações. Basta folhear todo este anno da *Illustration* para se avaliar quantas calamidades elle nos trouxe, quanto luto e quantas lágrimas derramadas por esse partito. Basta recordar a triste quadra do cholera que tantas victimas causou em França, em Italia e em Hespanha. Basta lembrar os nomes celebres, os homens eminentes que desapareceram na noite dos cemiterios. E para concluir a sua grande obra de destruição, ao parir d'este mundo o anno de 84 foi semeando a morte, a ruina e a miseria em terras de Hespanha, onde os ultimos tremores de terra causaram mais victimas e mais prajunias que os tremores de terra de Ischia.

Ainda bem que partito! Ainda bem que bêbe se resolveu a dar o golpe final. Viva 85, e que elle seja mais propicio e mais largo em favores.

O SEXTO QUADRO DE "THEODORA"

Este desenho do nosso eminente collaborador Adrien Marie dá-nos aos nossos leitores uma viva e exacta impressão da scena mais trágica do roberito drama de Victorien Sardou.

Este desenho representa o sexto quadro, que se

passa no *camarote imperial*, uma maravilhosa scenographia e decoração devida aos distinctos artistas Ruhl e Chaparon. A illustre tragica Sarah-Bernhardt é admiravel n'aquelle grandioso gesto, quando affluiu o ven que occulta a sua *physiognomie* diante da multidão ruidosa, que se aglomera sobre os degraus do immenso hyppodromo.

De pé, sobre o trono, n'uma rigidez soberba, aos lados do imperador, esta figura extraordinaria é bem a de *Theodora*, a creatura phantastica e enigmatica, a cortezá que se fez imperatriz, a heroína grandiosa e extravagante de que a historia antiga tanto se occupou, que Sardou fez resuscitar com o seu maravilhoso talento, e que Sarah-Bernhardt personifica tão superiormente graças á sua maseien inimitavel e unica.

Pelo desenho do nosso collaborador os nossos leitores podem fazer uma ideia do modo como a tragedia foi posta em scena, das riquezas historicas ali amontoadas, da soberba reconstrução da architectura e da opulenta reprodução dos costumes d'aquelle tempo. É uma soberba *mise-en-scene* que ha de ficar celebre nos annos do theatro moderno, e faz honra á nova direcção do Porte Saint-Martin.



O GRUPO DO LEÃO.

E se não engano foi Mariano Pina o primeiro jornalista que revelou ao publico de Lisboa a existencia d'um grupo d'amis que se reunia todas as noites na cervejaria da rua do Principe, discutindo arte e fazendo pirraças á esthetica official da Academia de bellas-arts.

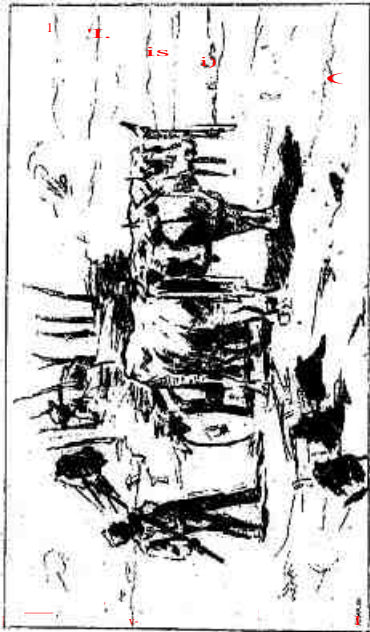


— A Academia empallidecera.

Faziam parte do grupo Silva Porto, Columbano (que ainda não tinha vindo a Paris), Ramalho, Figueiredo, Malhón, Christino, Vaz, Vieira, Pinto e Gyrão — os mesmos que este anno expuseram — e Alberto d'Oliveira, um camarada, um amador e um entusiasta que

tudo organisou, que tudo arranjou, e que todo foi expor nas salas da *Sociedade de Geographia*, rua do Alacim.

Foi então, quando se estava na febre dos preparativos, uns augurando successo, outros desastre, mas todos receiosos, e só Alberto d'Oliveira confiante e seguro no exito da tentativa, tão seguro que até se aventurou na impressão d'um catalogo illustrado no estylo parisiense, estylo que elle aspirava com unção nas paginas da *Vie Moderne* e nos catalogos sahidos de chez Baschet, o intrepid editor de obras artisticas — foi então que Mariano Pina, sob o pseudonymo de Z. Segrado, publicou um artigo no fallecido *Diario da Manhã*, com este mesmo titulo de que hoje me sirvo — *O grupo do Leão* — titulo que correu mundo, que é hoje o titulo official dos chamados *dissidentes*, e artigo onde eram revolvidos os mysterias e ideias do grupo, e traçadas as *physiognomias* dos filiados. No dia em que esse artigo appareceu, os do grupo trataram de o illustrar, e Mariano Pina recebia em sua casa bilhetes de visita com o bigode de Ramalho, e o bigode de Pinto, e a barba de Malhón e o cachimbo de Gyrão — a agradecerem. E a primeira exposiçáo obteve um verdadeiro successo, e tão grande, que até pasmou Alberto d'Oliveira. Tinha ultrapassado todas as suas illuções, todos os seus sonhos, todas as suas phantasias.



S. Porto — A. Salazar Vellido ao sr. Visconde de Franco.

A Academia empallidecera.

A Critica apodera-se do acontecimento e durante quinze dias só se viam nos jornais artigos de doze columnas discutindo os *longos* do sr. Ramalho, as *atmospheras* do sr. Silva Porto, as *aguas* do sr. Vaz, o *verde Velasquez* do sr. Columbano, os *tons* do sr. Malhón e as *perspectivas* do sr. Vieira. Todos os plumarios deram a sua opinio; e cada qual se agarrava a uma naveia, a um regato ou a um pedaço de sol, para fazer as mais extraordinarias piruetas de rhetorica e de erudição. Que tratos que n'esses dias soffreram Gautier, Taine e Proudhon. Pae do Cou! que tratos!... E depois, que *de luctas*! — O sr. Francisco é um ignorante em arte; pois não vai dizer ao *Glamor* que a *payagem* do sr. Ramalho é feita em agosto, em *pluv* meio dia! — O Rul o sr. Roberto é que é uma besta, e o sr. Francisco tambem. A *payagem* citada, n.º 529, não é tal d'agosto, nem do meio dia. É dos fins de julho, e a uma hora e dezoito minutos.

O que é um facto é que o publico tambem tomou interesse pela exposiçáo, e os quadros ven-



SARAH BERNHARDT

QUADRO DE BASTIEN-LEPAGE

deram-se, e toem-se vendido todos annos — e hoje quem souber pegar n'um pincel pode ter a certeza de que ha de viver da sua arte em Portugal, sem precisar procurar nicho official.

Vejam o bello catalogo que Alberto d'Oliveira continúa publicando todos os annos. Vejam o d'este anno. Já se pedem 600.000 reis por um quadro; já se pedem por um quadro 450.000 reis. E a difficuldade não está no pedir, a difficuldade está no encontrar compradores — e o *Grupo do Leão* encontra-os!



Columbo. — Um retrato.

É a esse catalogo que eu arranco as paginas que acabo de espalhar por este artigo, para as offerecer aos meus leitores. Para esta reprodução sirvo-me dos magnificos processos de gravura chimica que a *Illustração* tem a seu dispor em Paris.

Estes *croquis* dos auctores reproduzem quadros expostos, e é inútil traçar o elogio dos desenhos de Malhoa que se está fazendo um artista distinctissimo; do *croquis* de Silva Porto,



Malhoa. — Um estudo.

o nosso illustre paysagista; e d'este primoroso retrato de criança pintado por Columbo onde o artista que todos nós admiramos, revela as suas preciosas qualidades de desenho. Quisera offerecer mais algumas das paginas d'este catalogo, mas falta-me o espaço para a transcrição...

Não precisam de longos elogios dos seus contemporaneos os artistas que formam este sym-

pathico grupo. As gerações futuras d'artistas portuguezes se encarregarão de l'hoz fazer, porque os do *Leão* tiveram a coragem de lutar e de viver fóra de toda e qualquer dependência da arte official, de abandonar os tristonhos e sombrios corredores da Academia, e de preparar e educar o gosto do publico para saber não só como se aprecia, mas também como deve ser pago — a livre e independente obra d'arte!

(10.)



ESTUDOS SOBRE A INCUBAÇÃO

M. CAMILLE DARESTE trabalhou ha alguns annos no estudo experimental do ovo, que contém o germen de toda a vida superior. É inútil fazer notar a importância de semelhante estudo, e pôr em evidencia todas as difficuldades que elle comporta. O germen do ovo é um organismo vivo, no qual a vida está latente até no momento de se manifestar sob a influencia de certas causas, sobretudo a do calor. Em que casos se poderá prever a fecundidade ou a infecundidade do germen, e determinar se este está desenvolvido ou mesmo morto?

O germen, já fecundado, mas ainda não submettido á incubação, começa a desenvolver-se sob a influencia de uma temperatura um pouco elevada; mas a sua evolução pára, e o germen desorganisa-se e morre. O germen pôde também ser fecundado, viver, e comtudo o embrião pôde ter uma morte precoce, quando se desenvolve de um modo anormal e se torne monstruoso.

« Porque é que a evolução, diz M. Dareste, é, ora normal ora anormal? Quaes as causas que a modificam? É a pergunta que me fiz ha muito tempo. Guiado por antigas experiencias de E. Geoffroy de Saint-Hilaire, pensei que modificando ligeiramente as condições physicas da incubação artificial poderia chegar a produzir monstros e a estabelecer pela observação directa as leis da sua formação. As minhas previsões foram plenamente justificadas. Produzi muitos milhares de monstros artificiaes que me forneceram os elementos de que precisava para os meus estudos. »

Durante muito tempo, M. Dareste só teveapparelhos de observação imperfeitos; ha seis annos, obteve, não sem difficuldade e graças ao concurso de um grande numero de membros da Academia das sciencias, um laboratorio especial, e pôde recommear as suas experiencias imprimindo-lhes maior precisão. Achou-se immediatamente em frente de um facto inesperado; por mais que variasse a forma das experiencias, achou sempre a formação simultanea de embriões normaes e de embriões monstruosos.

Como explicar este resultado que indicava claramente que a evolução não depende só das condições physicas, por isso que, apesar d'estas condições serem identicas, os resultados variavam; que depende tambem de condições intimas, physiologicas, proprias do ovo, posteriores ao proprio phenomeno da incubação. Difficil problema era o de procurar e determinar estas condições que são muito numerosas. M. Dareste não as conhece ainda, todas, mas conhece ao menos algumas d'ellas.

Em primeiro lugar a idade do ovo.

O germen do ovo posto e não submettido á incubação perde a vida latente um certo tempo depois da postura.

« Mas, antes de morrer, a vitalidade do germen enfraquece a pouco e pouco. Nem uma epoca em que o germen só é capaz de produzir um embrião monstruoso; e uma outra epoca na qual só produz um blastoderme sem embrião. Ora este enfraqueci-

mento da vitalidade do germen é mais ou menos prompto, segundo certas circumstancias. Em certos ovos, este phenomeno produz-se mais rapidamente do que em outros. Além d'isso a elevação da temperatura do ar accellera e a alteração do germen. Em outra experiencia que fiz no mez de julho ultimo, ovos que tinha submettido á incubação, nove dias depois da postura, deixei-me todos monstros. Repetindo as experiencias nos mezes de outubro e novembro, obtive frangos bem conformados, de ovos submettidos á incubação quinze e vinte dias depois da postura.

A acção prolongada, como a que resulta do transporte em caminho de ferro ou em carros, traz tambem a produção dos monstros.

Fallamos já do effeito do calor que pôde desenvolver-se no interior dos ovos; os germens d'estes parasitas desenvolvem-se sob a influencia de um ar saturado de humidade; fazem morrer o embrião por asphyxia privando-o de ar respiravel.

As causas perturbadoras são pois: a idade dos ovos, a agitação, o desenvolvimento dos microphytos. M. Dareste mostrou que os abalos não são todos egualmente prejudiciaes; os mais perigosos são aquellos em que o ovo está collocado verticalmente com a extremidade da menor abertura para cima.

Quaes são as condições physicas da incubação? Em primeiro lugar, é preciso collocar o calor: por meio de experiencias feitas com apparelhos a temperatura constante, M. Dareste reconheceu que a evolução normal, se produz de 35 a 39 graus; as temperaturas superiores, de 40 a 44 graus, ou inferiores de 28 a 24 graus, dão lugar a evoluções anormaes.

Estes algarismos parecem contradizir as ideias existentes a este respeito; quando se colloca um thermometro sob o ventre de uma gallinha chocca, o instrumento marca 40, 41 e 42 graus, e está-se habituado a considerar estas temperaturas como as da incubação normal. Mas deve-se notar que em uma chocadeira artificial o ovo é egualmente aquecido por todos os lados, ao tempo que debaixo da gallinha só recebe de um lado a alta temperatura supercavitada.

O calor é a condição essencial, necessaria da incubação; as outras condições com que é preciso entrar em consideração não tem por fim determinar a vida, mas sim impedir a morte; são: a boa ventilação, o estado hygrometrico do ar, a limpeza da casca.

Qual é o papel da ventilação?

Não é destinado á respiração do embrião no ovo, nem a fazer sahir o ar viciado: o papel da ventilação é a acção sobre as vegetações no interior dos ovos.

« Existe em muitos ovos, antes de serem submettidos á incubação, esporos de cryptogamicas ou germens de microbios; estes germens acham-se no oviducto da gallinha quando o ovo se forma e são nphadados pela formação da casca. Eis uma experiencia que o demonstra; »

« Tomo um ovo, limpo-lhe a casca esfregando-a energicamente com uma escova molhada em uma solução de acido salicylico: operação cujo fim é de arrancar ou destruir todos os germens adherentes á casca.

« Introduzo o ovo assim preparado em um frasco de meio litro de capacidade, previamente aquecido a 150 ou 160 graus, logo que a temperatura da estufa desce a 100 ou 90 graus. Esta operação tem por fim destruir os germens adherentes ás paredes do frasco ou existentes no ar. O frasco é em seguida fechado hermeticamente com uma rolha de caoutchouc, previamente lavada em uma solução de acido salicylico.

« O frasco assim preparado e contendo o ovo é collocado em uma estufa á temperatura da incubação. No fim de alguns dias a superficie da casca da maior parte dos ovos cobre-se de uma vegetação cryptogamica mais ou menos abundante. Quando se abre o frasco e se quebra a casca do ovo, encontra-se na albumina, e particularmente adaptada á membrana de esca, grupos de microbios que se desenvolvem em maior ou menor abundancia. Em

seguida, estes mycelluma penetram na camera de ar ou nas camaras de ar adventicias que se produzem em outros pontos do ovo, e então emittem ramos sporíferos.

Ha pois, a partir da epoca da postura, ovos infectados e ovos sãos, e M. Daresté achou que o numero dos ovos infectados é consideravel; estes germens desenvolvem-se no ar limitado, e quando o ar se renova nas chocadeiras, não chegam a desenvolver-se. Este facto capital demonstra bem a influencia e o papel da ventilação.

O estado hygrometrico do ar não exerce influencia alguma sobre a evolução do embrião, a menos que o ar esteja proximo do seu estado de saturação; então o embrião morre, os ovos infectados morrem em consequencia do desenvolvimento dos cogumellos, e os ovos sãos em consequencia da liquefacção da albumina.

A lavagem da casca tem por fim restituir-lhe a permeabilidade quando a perdeu accidentalmente, e esta permeabilidade é necessaria para a evolução normal. M. Daresté, analysou muito completamente as condições da evolução e o seu trabalho é um bom exemplo para aquelles que pretendem occupar-se de physiologia experimental.

O TELEPHONE APPLICADO À PREVISÃO DO TEMPO. — O *Jornal dos Inventores* traz uma experiencia curiosa que dará origem a applicações muito uteis.

Fixando a 7 ou 8 metros de distancia duas hastas de ferro ligadas a um telephone por um fio de cobre envolvido em caoutchouc, é-se prevenido da chegada de uma tempestade *doze horas antes pelo menos*, por um ruido surdo no telephone. Quando esta tempestade se appproxima, parece que se ouve o choque da saraiva grossa nos vidros, e cada relampago produz a mesma impressão que produziria uma pedra batendo contra o diaphragma. As variações atmosphéricas dão logar a ruidos característicos que um ouvido preparado pôde facilmente reconhecer.

Este aparelho convenientemente modificado ha de vir a fornecer um precioso auxiliar á meteorologia.

UM NOVO ELECTRO-MAGNETE. — A *Luz electrica* está estudando um electro-magnete, devido a M. Stanley-Curie, formado d'um electro-magnete com a forma de ferradura e de um solenoido. Enquanto o modelo ordinario só exerce a sua attracção a 7 millimetros, o maximo, o electro de M. Curie actua a 95 millimetros.

NOVA ILUMINAÇÃO PARA A PHOTOGRAPHIA. — A iluminação vermelha empregada pelos photographos nos seus laboratorios, fatiga muito a vista. Vae ser dentro em pouco substituida pela que propoz M. Debenham na quinta reunião annual dos photographos da America e que foi accéite com enthusiasmo. M. Debenham obtem uma luz excellente para a photo-

graphia e para a vista, empregando o vidro verde coberto com papel alurando.

A METRALHADORA MAXIM. — M. Maxim, engenheiro americano bem conhecido pelas suas invenções e pelos seus trabalhos em electricidade, applicou ultimamente o seu maravilhoso talento no estudo das machinas de guerra e obteve um notavel resultado.

A sua metralhadora experimentada n'estes ultimos dias em Londres, pode atirar 10 tiros por segundo e pésa 57 kilogrammas apenas. Compõe-se de um cano do calibre de 11^{mm}4 aparelhado em um tripé collocado a 0^o90 acima do solo, e de um comprimento total de 1^m43, comprehendendo a culatra. Tiras de tela resistente analogas ás cartuxas de caça encerram 333 cartuxos cada uma, os quaes vem successivamente collocar-se no cano e receber a acção do percussor por meio de um mecanismo que utiliza simplesmente a força do couce.

Este aparelho pode ser apontado e regulado com parafusos; pode também ser dirigido pela mão. Evita-se o aquecimento no caso de um tiro rapido, por meio de um pequeno aparelho hydraulico.

Modificando esta metralhadora, pode-se substituir as tiras por cylindros de latão de 96 cartuxos. O mecanismo é o mesmo.

M. Maxim tambem operou transformações em espingardas ordinarias com o fim de utilisar a força do couce. As suas experiencias tiveram por objecto as espingardas de Winchester e as de Martini Henri.

EMPREGO DO ACIDO SULFURICO PARA A DESTRUIÇÃO DOS CADAVERES DE ANIMAIS E A FABRICAÇÃO DOS ADUBOS. — M. Aimé Girard descreveu o anno findo um processo que permite o emprego dos cadaveres de animais na fabricação dos adubos, operação excellente debaixo do duplo ponto de vista da salubridade e da produção de adubos baratos. Eis, summariamente, a marcha das operações.

Os bocados dos animais retalhados a machado são deitados em uma grande haca de carvalho forrada interiormente com uma folha de chumbo de 0^o005 de espessura e cobertos com acido sulfurico a 66°, de modo a banhar e cobrir a carne que uma rede de ferro impede de vir á superficie. Fecha-se com uma tampa movida por uma roldana e cujas bordas repousam em uma goteira cheia de um oleo qualquer. Depois de dois dias de tratamento, o acido sulfurico já não marca senão 42°; substitue-se por uma nova quantidade de acido concentrado que dissolve a massa da carne em dois ou tres dias. Com o acido sulfurico da primeira operação e a dissolução final, transforma-se o phosphato de caldo commercio em superphosphato azotado, muito mais barato do que o phospho-guano e tão rico em azoto como elle.





O SEXTO QUADRO DE «THEODORA»

OS GRANDES INSTRUMENTOS ASTRONÔMICOS. — O maior telescópio é aquelle que o conde de Rosso mandou instalar em Parsonstown: o espelho metálico tem um diâmetro de 1^m80. O Observatório de Melbourne, na Australia, tem um telescópio cujo espelho, também metálico, mede 1^m20. O grande telescópio do Observatório de Paris é das mesmas dimensões: o espelho é de vidro prateado. M. Common, que obteve a medalha de ouro da Sociedade real astronômica de Londres pelas suas boas photographias, possui um telescópio de espelho prateado de 0^m925. Parsonstown tem um segundo telescópio de espelho metálico de 0^m90. Os Observatórios de Marselha e Tolosa têm telescópios de vidro prateado de 0^m80. Todos os outros são de menores dimensões.

O maior ocular astronômico que existe é o do Observatório de Vienna, cujo objectivo tem 0^m675 de diâmetro. Vem em seguida os do Observatório de Washington e de M. Mac Cormick que tem 0^m65 de abertura. O de M. Newall (que deu um excellentes desenho do grande cometa de 1811) mede 0^m625 de diâmetro... O Observatório de Paris vem em segundo lugar: o seu maior ocular, de 0^m33, está instalado na torre do Este; um outro, de 0^m31, na torre de Oeste. O objectivo do grande instrumento meridiano (os oculares precedentes são equatoriais) mede 0^m24. O círculo meridiano devido à liberalidade de M. Bischoffshelm tem 0^m19. O Observatório de Bordeaux possui um ocular, equatorial, cujo objectivo em 0^m38.

O Observatório de Nice, propriedade de M. Bischoffshelm tem um grande ocular equatorial de 0^m37. Marselha tem um objectivo de 0^m255 e Tolosa de 0^m245.

Estão-se construindo outros oculares de maiores dimensões: o primeiro é do Observatório Lick (monte Hamilton) que terá 0^m90. Nice e Pulkowa terão um objectivo de 0^m75. Então um grande ocular de 16 metros de comprimento e 0^m70 de abertura, no principio destinado ao Observatório de Paris, mas que terá outro destino, está igualmente em construção. Vemos pois que a França, ainda que bem preparada, está longe de occupar o primeiro lugar.

Sabem-o os astrônomos francezes, e é de esperar que sustentem a honra da França pelos seus trabalhos individuais logo que obtiverem como alguns dos seus collégas estrangeiros uma latitude sufficiente.

IN HER BOOK

*Ella andou por aqui; andou. Primeiro,
Por que ha traços de suas mãos; segundo,
Por que ninguem como ella tem no mundo
Este exquisito, este suave cheiro.*

*Livro, de beijos meus teu rosto inundo
Porque dormiste sob o travesseiro
Em que ella dorme o seu dormir ligeiro
Como um sonho de estrella em céu profundo.*

*Trouxeste, bella, o odor de uma caçouta,
A luz que canta, a mansidão da rola
E este estranho mexer de ethereos ninhos;*

*Rufos de azas, amôras dos silvedos,
Frescuras d'agua, sombras e arvoredos
Dando secca dos rosas pelos caminhos.*

Rio de Janeiro.

LUIS DELFINO.



THEODORA é a heroína do dia, o unico acontecimento de sensação, o grande facto theatral do fim do anno de 84. Mais uma victoria para Sardou, e mais uma gloria para Sarah Bernhardt. A peça é realmente admiravel; o desempenho extraordinario por parte de Sarah, de Maria Laurent e do actor Marais; e a *mise en scene* da Porte Saint-Martin de Paris tão deslumbrante — que eu sinto verdadeiro prazer em me faltar o espaço, porque o que me era destinado achei mais util applicar-o a uma rapida traducção d'uma das scenas da tragedia, e não saberia contar aos meus leitores a serie de impressões extraordinarias que esta peça me causou. Apenas duas palavras d'historia para se fazer uma ideia da nova obra de Sardou: Theodora nasceu no anno 500 da era christã, e era filha d'um tal Acacius que, no tempo do imperador Anastasio, exercia as funções de guarda dos annuaes destinados aos espectaculos do Hippodromo.

Quando o pai morreu cahiu na miséria, e mais as lêmãs, e foi trabalhar para o theatro de Byzancio. Primeiro fazia papéis de comparsas, depois de escravos; e pouco a pouco, por que era formosa, foi sendo notada, cortejada, desceida, transformando-se mais tarde n'uma corteza que todos disputavam e queriam possuir, mas continuando sempre no theatro onde chegou a fazer papéis grotescos nas minutas que se representavam então.

Theodora foi portanto uma grande corteza, tão grande como a Messalina, e foi d'esta Theodora que o imperador Juliano se apaixonou, e de tal modo, que chegou a casar com ella. A partir d'então é que a sua personalidade se tornou verdadeiramente extraordinaria, dominando todo o imperio porque dominava seu marido. E foi em 532, no momento d'uma grande insurreição que Belisario, o braço direito de Justiniano, affogou em ondas de sangue, foi em 532 que Sardou pegou em Theodora, para fazer com o personagem historico a sua grande peça, onde elle faz reviver todo o imperio do Oriente, afirmando ao publico com uma deslumbrante visão do grandezas, do magnificencias, de paixões e de crimes: e desenhando magistralmente este typo de Theodora que veio de tão baixo e tão alto subiu, d'esta mulher que depois de se ter prostituido por entre as camadas inferiores, chegou a ser a esposa poderosissima d'um homem que foi um tyrano cruel, um grande legislador e o senhor do mundo.

A scena que vou seguir é aquella onde Sardou desenha os caracteres de Theodora e de Justiniano, uma das mais importantes da peça, e que os meus leitores vão ter certamente com prazer, por ser uma verdadeira novidade litteraria.

BASILIO.

UM FRAGMENTO

DE

THEODORA

SEGUNDO ACTO. — QUARTO QUADRO

SCENA II

JUSTINIANO E THEODORA

THEODORA, afastando o reposteiro.

Ah! estás só? (Aproximando-se de Justiniano, sentindo.) Conversemos...

JUSTINIANO, bruscamente

... Donde vens?

THEODORA

... Da cidade, onde se passam bonitas cousas...

JUSTINIANO

Depois trataremos d'isso... Fallemos de ti.

THEODORA, tranquillamente

Ah! Ah!... Pelo que vejo é uma disputa? (Passa por diante d'elle e vai sentar-se nos coxins d'esquerda da meza.)

JUSTINIANO, de pé

Pela segunda vez, — donde vens?

THEODORA

Pela segunda vez, — venho da cidade.

JUSTINIANO

A pé, só, com uma criada e dois escravos?

THEODORA

Preciso por acaso d'um sequito?

JUSTINIANO

A estas horas da noite?

THEODORA

A noite está tão bonita...

JUSTINIANO, de pé, passando d'um lado para outro

Percorrer as ruas ao luar, como as bordadeiras de seda, em busca d'aventuras... Uma imperatriz!

THEODORA

Has de convir, que não vale a pena ser imperatriz só para me privar do que me agrada.

JUSTINIANO

Ha prazeres dignos de ti; procura-os.

THEODORA

Só ha um digno de mim: fazer o que me apetece.

JUSTINIANO

Que prazer na verdade confundir-se na rua com a multidão!

THEODORA

Questão de gosto! — Se sou feliz quando deponho por algum tempo a sublimidade que me aborrece e a divindade que me pésa, e vagabundo como nos bons tempos da miséria... onde está o mal, e por que motivo deixarei de o fazer?

JUSTINIANO

Bonita recordação com effeito!

THEODORA

Só te sentes feliz no ar abafado d'este quarto, com os olhos pregados no tecto, beatando com frades sobre puerilidades mysticas, tratando de questões tão importantes como o sexo dos anjos: se os ha dos dois sexos, de um só, ou de ambos ao mesmo tempo... ou de nenhum. Nunca te observei que um imperador podia occupar-se com problemas mais urgentes. Colhe o prazer onde o encontras, e deixa-me procurar-o onde eu quizer.

JUSTINIANO

O meu é honesto, e o teu não!

THEODORA

Perfeitamente; mas quando se quer para mulher uma matrona dos tempos antigos faz-se melhor escolha!

JUSTINIANO, com amargura

E não se vai apanhar a ao meio da rua!

THEODORA

Justamente onde nos encontramos! Meu pai era saltimbanco, o teu carroeiro. Entre a valeta e o enxurro estava indicada a aliança.

JUSTINIANO, surdamente

Mais uma razão, se viamos de baixo, para não o

recordar ao povo pelas nossas acções e para lhe fazer esquecer o teu passado!...

THEODORA

Procura antes fazer-lhe esquecer o teu presente.

JUSTINIANO

É esse que elle venera!

THEODORA

É esse que elle adora!...

JUSTINIANO

Odeia-me, se quizeres!..., mas não me despreza.

THEODORA

Oh!... as vezes!...

JUSTINIANO, *chegado a ella*

É de certo por ter feito d'uma comediante uma imperatriz.

THEODORA

Pois fizeste bem casando com a tal comediante! O Céu destinára-te para frade ou advogado, e se és o herdeiro dos Cesares devê-lo precisamente a comediante... (*Movimento de Justiniano.*) Nega-o se és capaz!... Tu tio, o imperador Justino, era um velho idiota e importuno, o condemnei-me a distrahir-me com as minhas histórias e as minhas canções. — Pura comedia! — Sua mulher Lupicina odiava-te, — e eu era humilde e servil com ella: Comedia! sempre comedia! (*Levanta-se.*) Mas comedia que te fez patricio, depois filho adoptivo de Justino, e enfim esse imperador que para ahí está!... Graças a todas as comedias que houve por bem representar oh teu provelto, a tal comediante!

JUSTINIANO

Em seu provelto tambem!

THEODORA

... E com o teu auxilio. — Porque enfim, tu tambem és um grande actor!... Um dia, n'este oratorio, partilhaste a hostia com Vivaliano, teu associado no imperio. E na mesma tarde mandaste-o estrangular ali, entre aquellas duas portas!... Por Jupiter! que não sou da tua força. Comedia pela manhã, e tragedia á noite! Que artista! (*Desce.*) De resto, sempre em scena!... As leis que Triboniano te fabrica e que tu assignas!... As batalhas que Belisario te ganha e de que tu triumphas!... Outras tantas imposturas, outras tantas farsas!... (*Senta-se diante da meza.*) O teu imperio é no circo! Não mudei de profissão, mudei de papel, simplesmente. D'antes fazia as figurantes, hoje faço as imperatrizes, como tu os Cesares, depois de teres feito as comparsas... Quanto ao valor da peça... entre nós, heim?... Que nos mostremos convictos diante d'este bom publico, vá!... Mas uma vez em casa e posto de parte os nossos papéis, ahí por Deus, aboio as mascaras!... Depois os teus louros pontões, e o teu heroismo de latão, Cesar de hypodiroma. Mas que razes representar nada de imperador, lóda da scena, a sós comigo... Alto lá, meu camarada, deixa-me rir!

JUSTINIANO *diante d'ella, as mãos sobre a meza, e ameaçador.*

E se realmente eu fosse esse imperador!... Mesmo contigo!...

THEODORA, *sempre sentada e tranquillamente, sem olhar para elle.*

Desafia-te!...

JUSTINIANO

Desafias-me?...

THEODORA, *do mesmo modo.*

Por que o teu talento sou eu. E quando representas só, assobiam-te!

JUSTINIANO, *santado ao pé d'ella no coxim.*

Finalmente, donde vens?... donde vens?

THEODORA

Das Fontes!

JUSTINIANO

Mentis! Mandei ás Fontes, e não estavas lá.

THEODORA

Já lá não estava.

JUSTINIANO

Não te tinham visto.

THEODORA

Por que me não deixei ver.

JUSTINIANO

E viram-te entrar no circo, nos Bellacórios.

THEODORA

Espionagem, heim?... Bonito! — Pois bem, e verdade, fui ao circo.

JUSTINIANO

E depois?

THEODORA

Não te contaram os teus espiões?

JUSTINIANO

Não!

THEODORA

Então roubam-te. Uma economia que podes fazer. — Se fosses bem informado, saberias que estive em casa do meu amante.

JUSTINIANO

Não me digas isso, nem a brincar.

THEODORA

A brincar! — As mulheres são tão astutas, que talvez esteja dizendo a verdade, mesmo a rir. — E enquanto me julgam occupada a prevenir o perigo que nos ameaça...

JUSTINIANO

O perigo?

THEODORA

Esta noite mesmo.

JUSTINIANO

Esta noite?... Que perigo?...

THEODORA

Pergunta-o aos teus espiões.

JUSTINIANO

Basta! o que ha?... E de que perigos estás falando?

THEODORA

Dos que ameaçam a tua honra de marido.

JUSTINIANO, *pegando-lhe na mão.*

Basta, já te disse, basta! Fallemos seriamente. Vejamos, que se passa?...

THEODORA, *repellindo-o*

Imbecil!... Levantar discussões estupidas entre nós dois — entre leão e leão — quando não bastam todas as nossas garras contra a revolta que se prepara!

JUSTINIANO

A revolta?

THEODORA

Sim, a revolta!... Enquanto estás para ahí rubiscando papelladas com o teu Triboniano, sabes por acaso em que se occupa o teu povo?... Afia as espadas e acende os archotes!... (*De pé.*) Olha, escuta estes rumores para o lado do porto! — Parece-te isto uma cidade adormecida?

A minha mãe, indo á juazeira

Verdade! — E que clareza!

THEODORA

Foi incendio!...

JUSTINIANO

Ora!... Todas as fontes!...

THEODORA

Sim... Mas não se vê todos as fontes um cabido de mulher arrastado pelas ruas, entre gritos de morte e de vingança!... Bandidos armados hucando canções infames contra mim!... Enfim, eis do teu portão batidos em trez encontros pelos vendes, as quaes se ate toda a canalha da cidade!...

JUSTINIANO, *aterrado*

Já chegamos a essa extremidade!...

THEODORA

Sim, a essa extremidade!... E os meus jussos nocturnos servem ao menos para t'o vir contar!

JUSTINIANO

É preciso dar ordens, depressa!... Chamam-me!...

THEODORA

Está feito!...

JUSTINIANO

Tu? já?...

THEODORA

Logo que cheguei. Julgas me tão tola que perca o meu tempo a ouvir-te?... (*Vae sentar-se á esquerda.*) Enquanto me insultas correm a casa de Belisario e do perfeito. Enchemos, com ordem de os trazerem aqui secretamente! É inútil amotinar todo o palacio!

JUSTINIANO, *de joelhos e beijando-lhe as mãos*

Ah! muito bem! muito bem! Reconheço Augustus! Sempre o bom conselho e a salvação... a minha intelligencia e a minha força!... Oh minha Theodora... meu presente do Céu!...

THEODORA

Pois sim, pois sim! — Mette-a n'um convento, a tua comediante, — e não dou nem mais um dia de vida á tua Eternidade!

EUPHRATAS, *entrando*

O patricio Belisario sollicito...

JUSTINIANO, *de pé, interrompendo-o*

Sim! sim! que entre! (*Euphratas sae.* — *A Theodora.*) E com a sua ajuda e a de Deus!...

THEODORA

Deixa Deus em paz e não o obrigues a occupar-se de nós!... E bem mais seguro!

VICTORIEN SARDOU.

CONTENCIOSO. — Negocios civis e commerciaes; correspondencia, cobranças, heranças.

Indicações commerciaes.

Perseguir e defender diante de todos os tribunaes francezes.

Administração de propriedades em França.

Escrayer ao Director do Contencioso dos 4 arrendamentos, — 12, boulevard de la Villette, — Paris.

PASTA EPILATORIA DUSSEY

Para libertar o rosto de cabellos e pannogeto, a pasta a Pasta Epilatoria Dussey é d'uma efficacia sem igual, e possui ainda a imensa vantagem de ser inoffensiva a qualquer acção chimica e por consequencia absolutamente inoffensiva — 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, Paris, e em todos os principaes perfumarias de Portugal e do Brazil.

EPILATORIOS DUSSEY (Pasta Epilatoria para o rosto; Pelivora, para os braços)
 (Pasta) (para)
 Perfumaria DUSSEY, 1, rua Jean-Jacques-Rousseau. — PARIS



— Muito concorrido está hoje o theatro. Veja que regular o meu conselho.

— Segui. Os *Amisables de Dusser* são uma descoberta enervantissima; sómente tenho a peito mais secos.

— E que se esqueceste de fazer uma da Crème de noibatier.

— Fanny, está todo em ordem na minha toilette?
Não te esqueceste de coisa alguma?
— Não, minha senhora! aqui está a *Pasta milé-*
toría, os frascos de *Pelivera* e a *Crème mousseline*.
— Bem.



— Pois que! ainda não estár pronto?
— Não tenho coragem de ir tomar banho com as brason
neste estado.
— E aliás, te por tão pouco! Aqui tem um frasco de
Rilodol. Vaz ficar com uma nimalia de Diabo.

— Que me comprou, sobretudo... que esplendidos carneiros!
— Que admiráveis! Com os Epitafios! Dizer: toda a
mulheres são estúpidas vivas.

— Foi a Fozza epitoria e milis a Pallon que a salvaram.

DIPLÔMA DE HONRA
DE ACADEMIA DE BACALHAU
A **ALMA MATER**
do **Colégio de São Paulo**
em **honra** do **Dr. João de Deus**
por **seu** **contribuição** **para** **a** **educação** **do** **Brasil**
em **1914**

<h2 style="text-align: center;">CALLIFLORE</h2> <p style="text-align: center;"><i>Fleur de Bellone</i></p> <p style="text-align: center;">P&A ADORNBURG & IRWINSTEIN</p> <p>Grande ao novo modo, perfume ao amigável, mas não comummente conhecido, uma verdadeira e delicada bellone dá-lhe um perfume de esquisita suavidade. Além das brancas, da maior pureza, há outras de tons variados diferentes, rosas e brancas, de deus perfumado até ao mais exótico. Faltam pois, que possa escolher a que mais lhe convenha usar.</p>	<h2 style="text-align: center;">PATE AGNEL</h2> <p style="text-align: center;">Amygdalina & Glycerina</p> <p><i>Este excellentissimo Cosmético branqueia e amacia a pelle, preserva do Gelo, do Inchaço e dos Comichões tornando-a avermelhada; pelo que respecta ás mãos, dá solidez e transparência ás unhas.</i></p>
--	--

EXPOSITION 1878

Middle of the 19th Century

LES PLUS HAUTES RECOMPENSES

Gottas Concentradas

E. COUDRAY

PERFUMES DE MODA PARA MUJER

Estos perfumes reducidos a un pequeño volumen
són muito mais duraderos e mais
suaves se temo que todos os
outros extratos de cheiros conhecidos até agora

ARTIGOS RECOMENDADOS

PERFUMARIA DE LACTEINA

Recomendamos para Cabelleiros, Perfumistas,
AGUA DIVINA para afeitar e
OLEOCOMES para afeitar e afeitar

ESTES ARTIGOS ACABAM-SE NA FABRICA

PARIS 43, rue d'Enghien, 43 PARIS

Depositos em todas as Perfumarias,
Farmacias e Cabelleiros da America.

DIGESTOES ARTIFICIAES
VINHO
RECONSTITUO DO
CHASSAING
COM
PEPSINA E COM DIASIAZE
Açucres naturais e indispensaveis de
DIGESTAO
20 ANOS de experiencia
contra as
DIGESTOES DEFICIENTES
OU INCOMPLETAS
NAUSEAS, ESTOMAGO
DISPEPSIAS, GASTRALGIAS
PERDA DE APETITE, ERAS FORÇAS,
NEURALGIA, CONSTIPACAO,
CONGESTOES LENTAS
MOMENTOS, etc.
PARIS, 6, AVENUE VICTORIA, 6, PARIS
ALMA e de todas as principais Pharmacias

CUTIS DO ROSTO

— LEITE ANTEPHELICO —

para o milturaldo com agua, dissipa
SABARDES, TEZ CHESTADADA
PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS
ROSTO BARABULMENTO
E FARNACEO
RUGAS
 e
Forma e conserva a cutis liza e clara.

GRANDE & C^{da} R. do Ouvidor 28

A clorose e a anemia
são felicemente combatidas
com o emprego regular do
Ferro **Bravão**. Este
torna a dar ao sangue
improbecido a coloração
perdida com a moléstia.

[illegible]

Recompensa Nacional 18.800 fr.

QUINA LAROCHE

ELIXIR VINOSO

INCONSTITUÍVEL E PREDIGADO

Enfraquecimento, Doenças do Estômago
(Febre, Invertebração, etc.

QUINA LAROCHE

ELIXIR VINOSO

FERRUGINOSO

Pobresas do Sangue, Anémia, Clorotia,
Debilidade, etc., etc.

PARIS, 22, rue Drouot, - Pharmacie

NOVAS SORTELEIRAS TOBELL

Único aparelho de família
reconhecido em todo o
Mundo. — TOBELL, S.A. —
111, RUA DE S. CARLOS, 111, 1070
LISBOA

Para obter as melhores reproduções
colorete em qualquer mistura de cores,
basta usar Tobell. Uma das mais em-
pregadas e conhecidas na indústria
gráfica mundial. Tobell, a única sorte-
leira que reproduz com perfeição
as cores naturais da natureza.

— 108, RUA DE S. CARLOS, 108, LISBOA

BUSTIN S. A. Distribuidora Geral para o Brasil